

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O REALINHAMENTO EVOLUTIVO
MULTIEXISTENCIAL NA PRÁTICA PARAPSIKOTERÁPICA:
ESTUDO DE CASO CLÍNICO (2)**

Fernando Salvino, MSc.

Das Considerações Preliminares

Preliminarmente convém informar ao leitor que este artigo aborda temática de cunho energético mais denso, da ordem da investigação científica acerca do processo da assedialidade extrafísica, também conhecida como obsessão espiritual, possessão maligna ou influência de personalidade intrusa (*agente theta*) em pessoa humana.

Se o leitor, com sua auto-crítica e franqueza máxima consigo mesmo, não sentir-se seguro ou preparado para ler este assunto e defrontar-se com este campo de forma direta e escancarada, como é de meu caráter, é melhor escolher outro tema, mais leve, para suas pesquisas e inquirições.

A Parapsikoterapia é uma terapia integral, que engloba o ser ou a psiqué a partir de uma abordagem global, que integra os campos psíquicos e parapsíquicos propriamente ditos, compreendendo o ser em processo de evolução multidimensional, multiexistencial, numa trajetória holobiográfica, holomnemônica, usando veículos para sua manifestação (4 veículos interconectados ou holossoma – soma-energossoma-psicossoma-mentalsoma), podendo projetar-se para fora destes corpos com lucidez, assim como projetar suas energias.

I - Introdução

O caso que relato a seguir refere-se à paciente de pseudônimo Maria Clara, psicóloga de profissão e psicóloga voluntária de um Centro Espiritista, onde presta atendimentos psicoterapêuticos a pacientes que buscam na Doutrina Espirita algum tipo de orientação e solução de seus problemas pessoais e existenciais.

Maria Clara procurou-me querendo um tipo de terapêutica mais profunda. Seu histórico progresso aparecia um quadro tal como descrito abaixo.

Ela chegou até a minha pessoa através da indicação da psicóloga “X” que tinha realizado um processo regressivo de 1 (uma) sessão de aproximadamente 2h de duração. Esta sessão foi mediada por esta psicóloga e pela psicóloga “Y” de linha branda (Reichiana), que era sua terapeuta naquele momento. A queixa da psicóloga “Y”, de

Maria Clara, envolvia processos psicossomáticos estranhos aos olhos da profissional, que achava que a mesma era “maluca”. De acordo com a profissional (“Y”) Maria apresentava comportamento anormal quando realizava os exercícios corporais reichianos para desbloqueio das couraças de caráter (orgonoterapia). A paciente virava os olhos e apresentava falas estranhas no momento das sessões. Por esta razão foi levada a outra psicóloga “X” para a realização da referida sessão regressiva. Naquela sessão em especial, a paciente sofreu processo de “incorporação” e o suposto “agente theta” ou “personalidade intrusa” afirmara: “preciso de ajuda”. Após esta experiência e conversando com a psicóloga “X”, Maria Clara procurou-me. Obviamente que não poderia acreditar se tratar de influência ou incorporação de consciex (consciência extrafísica) sem ao menos ter minhas próprias experiências pessoais no campo parapsicoterápico em minha clínica. Sabia que poderia ser manifestação subconsciente de outra faixa ou faixas de personalidade de Maria Clara, com suposto sintoma de incorporação. Devido ao fato de Maria ter sido submetida a experimento regressivo, esta possibilidade poderia estar ocorrendo. Poderia também ser processo de PES ou percepção extra-sensorial pelos recursos de captação telepática de informações inclusive das próprias psicólogas interagentes no campo ora instalado naquela sessão regressiva. Em síntese, poderiam ser várias as possibilidades de ocorrência para a correta diagnose clínica e conseqüente tomada de procedimentos de orientação e direcionamento terapêutico.

A paciente participou de várias sessões comigo, sendo que 2 sessões de regressão, sessões de Projecioterapia aplicada e focada no aprendizado do domínio energético pessoal e autodefesa energética, e sessões focais verbais para entendimento e contextualização de sua existência do ponto de vista parapsicoterápico, ou seja, multidimensional, holobiográfico, holomnemônico e multiexistencial. Vários momentos das sessões foram momentos de orientação direta parapsicológica, conscienciológica e projeciológica, visando expandir seu entendimento de todo o campo fenomenológico que envolve a consciência humana, especialmente, os processos que ocorrem em Centros Espiritistas dentro da mediunidade e especialmente a “incorporação” e a psicofonia. Maria Clara apresentava traços de personalidade que tendiam à permissividade e mesmo à promiscuidade que a acompanhava desde a infância, em sua camada biográfica relativa a esta atual conjuntura de espaço-tempo multiexistencial. O conteúdo de alguns de seus “sonhos lúcidos” marcantes, tal como relatara, evidenciava orgias sexuais com uso de instrumentos agressivos e sado-masoquistas, que deixavam a

paciente culpada no estado de vigília, mas admitia, sentir prazer no ato em si. Seu relacionamento com o marido não ia bem. Não sentia mais atração sexual. Reclamava ser o marido ausente o que acabou por buscar esta compensação de carência sexual-afetiva com o cunhado. O padrão geral de personalidade atravessava carência aguda de afeto e tendência forte ao processo de permissividade sexual com comportamentos subconscientes de traços sado-masoquistas e comportamentos conscientes de ora apatia e traços corporais de aparência anêmica (fraca), ora forte libido com tendência à seduzir sexualmente o terapeuta. A paciente apresenta magnetismo energético evidente, com campo de energia bem coeso, vívido, ora opaco ora com suas fibras energéticas bem firmes, o que expressava o traço-força da persistência e alta determinação firme e decidida que Maria Clara tinha em suas manifestações de caráter em sua vida. Com seus pouco mais de 40 anos de idade, Maria Clara apresenta aparência pessoal e atitudes sedutoras, o que é reflexo de seu processo de carência sexual-afetiva, solidão íntima aguda e sensação de abandono profunda. Em síntese, a paciente estava querendo conhecer-se mais e entender o que estava acontecendo em sua vida e porque tudo aconteceu do jeito que foi. Marcou demasiadamente sua infância pelos abusos sexuais de seu pai, desde pequenina até a pré-adolescência. Mesmo assim, mostrou seu relato pessoal biográfico e sua estrutura própria de campo que sua determinação, vontade e persistência foram maiores que toda essa conjuntura negativa e obscura em sua vida, o que não impediu da mesma buscar uma profissão e ter conquistado uma família com filhos que ama.

Este estudo de caso refere-se particularmente ao processo ocorrido em sua última regressão e a relação deste processo com sua história terapêutica e de vida, dentro da ótica evolucionária em Parapsicoterapia e considerações acerca deste caso clínico, que visa subsidiar o início ainda carente da formação “jurisprudencial” da Parapsicologia Clínica.

II – Do Relato de Caso Clínico Parapsicoterápico

A paciente Maria Clara entra rapidamente no estado de psicotrãse retrocognitivo (estado regressivo), vivenciando organicamente processos pessoais de vidas passadas. A maneira como estabeleço esta conexão para saber desta realidade é que cada vez mais capto junto com a paciente as sensações através da telepatia autoinduzida e do processo da assimilação simpática autoconsciente de sua realidade. Naquele momento eu sentia tratar-se de eventos de suas vidas passadas. Muitas vezes

consigo ver os mesmo eventos, antes mesmos que a paciente relate, o que facilita o processo de condução. A certeza íntima é acompanhada por uma “sinalética anímico parapsíquica” específica que me dá esta certeza pessoal, manifestando-se como um banho e arrepio de energia que percorre minha espinha e inunda meu corpo até aproximadamente a região dos quadris. Quando aparece a sensação eu tenho a certeza pessoal de que o paciente está no caminho correto de sua experiência regressiva. Este processo é acompanhado e coordenado por amparador extrafísico ou mesmo equipe de amparadores profissionais do campo parapsicoterápico (este campo será objeto de outro artigo).

As vidas acessadas referiam-se a momentos traumáticos intra-uterinos em vidas passadas e conseqüente libertação das situações de sufocamento, aflição e angústia aguda que a paciente sofria. A libertação era descrita como alívio acompanhado de somatização da paciente sentada na poltrona, apresentando visível alívio psicossomático pelos reflexos de sua postura corporal global e verbalizações e suspiros de alívio. Em algumas situações Maria Clara apresentava cerca de 18 anos em uma vida passada, estava amarrada com cordas e sofria muito, sentia-se abandonada pelas “tais” pessoas. Chorou muito e o processo de catarse emocional e liberação do bloqueio cardiochacral era evidente.

Num dado momento a paciente no meio do psicotrance começa a bocejar exageradamente e de forma descontrolada. De início me inclinei a pensar se tratar de desbloqueio de seu chacra laríngeo, pois a paciente sofria de dores na região da musculatura da garganta quando falava em vigília ordinária acerca de seus processos pessoais difíceis. Com base em toda minha experiência com desenvolvimento mediúnico e a psicofisiologia do estado mediúnico (anterior, no ato e posterior), mudei minha forma de olhar o fenômeno e ao expandir minha consciência para o campo percebi ela estar acompanhada de uma personalidade intrusa no campo parapsicoterapêutico.

O processo se deu pela expansão autoinduzida de consciência pela ação da vontade pessoal e acoplamento áurico auto-intencionado. Ao acoplar meu campo com o campo da paciente pude sentir presença de outra “energia consciencial” e ouvir os pensamentos da tal personalidade intrusa que se dirigiam a mim em especial, antes mesmo do processo de incorporação propriamente dito. Ela queria usar do corpo da paciente para proferir palavras de ódio e indignação por eu estar ajudando Maria Clara. Imediatamente, e ainda sentado na poltrona e totalmente acoplado com meu amparador

extrafísico e seguindo suas orientações (via telepatia), levantei minhas mãos e comecei a exteriorizar energia com alta intensidade à paciente (ela em psicotrãse), com intenção de colocar ordem na clínica e retirar a consciex intrusa do campo terapêutico de Maria. Solicitei mais amparo extrafísico e a retirada do “agente theta” da clínica. A retirada da personalidade do campo áurico da paciente foi percebida pelo retorno da freqüência de campo que estava operando antes da chegada da tal presença (ausência de percepção da energia consciencial antagônica ao campo). Após o desassédio extrafísico, a paciente apresentava face limpa e expressão psicossomática tranqüila. O campo retornara a vibrar na mesma freqüência anterior. Com o tempo é possível captar as freqüências de campo e até certo ponto ouvi-las pelos recursos avançados da clariaudiência, tal como um maestro escuta as notas musicais e sabe tratar-se de dó ou ré ou estar desafinada.

A personalidade intrusa extrafísica era de aparência feminina que sentia raiva e ódio de mim por estar ajudando Maria Clara a se superar em seus processos difíceis de vida, que envolviam somente nesta vida, traumas fortes de abuso sexual por parte do pai biológico, envolvimento com padrões de orgias extrafísicas ocorridas em “sonhos” (conforme o relato da paciente), com uso de instrumentos de penetração, que manifestava a influência de dimensão densa e vampirizante, povoada por consciências extrafísicas com alto nível de desequilíbrio e carência psíquica e parapsíquica. Este processo foi chamado tecnicamente pelo conscienciólogo Waldo Vieira de “isca lúcida”. A condição de isca significa que, quando o assediador se dirige ao agente do desassédio, liberta o assediado e quando vai atacar o agente já está montado uma estrutura organizada de retirada da consciência entrópica do campo vital da paciente (neste caso) e conseqüente encaminhamento, se for possível, para a assistência adequada. O procedimento que uso em meu trabalho não aceita ou tolera qualquer forma de incorporação antagônica ao processo e presença de personalidade intrusa que visa prejudicar os andamentos cosmoéticos do processo parapsicoterapêutico da pessoa envolvida em sua auto-descoberta evolutiva e consciencial. Esta intrusão remonta à necessidade de maior domínio dos processos de blindagem energética e parapsicoterapêutica.

A experiência de Maria Clara nesta regressão que envolveu uma tentativa de interferência mais psicossomática por parte da companhia que a incomoda em sua vida e provavelmente a leva para os caminhos mais densos, pode ser classificada em 2 ordens de experiências:

a) Longo período de prisão aflitiva – escuridão: longo espaço de tempo aprisionada em situações experienciais aflitivas e angustiantes agudas, ligadas a situações de “prisão consciencial”, relacionadas às experiências prizonizantes intra-uterinas e prisão física.

b) Curto período de liberdade prazerosa – luz: curto espaço de tempo em situações de “luz” (como dizia a paciente), onde encontrava alívio para sua situação de aflição aguda, situações de liberdade, encontro com ambientes de luz, paz e maior tranquilidade íntima. Sua condição nestes momentos era rápida. E este padrão se repetiu ao longo das situações vivenciadas.

O caminho evolutivo mostrado na regressão mostra uma direção que alterna as duas fases acima: longo período de “escuridão” e curto período de “luz” (nas palavras da paciente). A vida da paciente levando esta tendência vinda fortemente das vidas passadas me faz pressupor, e isto é uma hipótese de trabalho clínico, que a paciente passou por curto período de “luz” entre a vida passada e esta (período intermissivo) e logo ressoma (reencarna) numa condição que reproduziria seu padrão acima descrito. Afiniza-se com uma família problemática e com um pai abusador, numa egrégora densa e pesada que traduz seu modelo pessoal de programação subconsciente (holopense). Obviamente que a paciente sentindo-se presa a esta condição, tal como seu subconsciente estava programado, tentaria se libertar sozinha (sua linguagem subconsciente). Teve uma vida de muita batalha e sente-se muito só e abandonada. A regressão ao final de sua experiência fez com que se sentisse mais perto desta sensação de solidão que se defende no dia a dia.

É importante dizer que a paciente chega na consulta se queixando de um paciente que a incomodara na consulta, por relatar mundos que visita extracorporeamente pela projeção da consciência (experiência fora do corpo). Seu incômodo se dá, após ela refletir junto com esta experiência regressiva, de que porque não lhe é permitido acessar tais mundos, porque ela fica tão pouco em contato com tais mundos e porque existem pessoas que conhecem isto de perto. Um diálogo profundo seguiu-se a esta condição. Maria Clara estava sentindo-se melhor, mais aliviada e mais amparada. Dei um abraço nela e terminamos a sessão, que durou cerca de 1h45 a 2h.

IV – Das Considerações Finais

A primeira coisa que me chama atenção é acerca da estrutura do tempo, visto que em 1h45 aconteceram tantas situações que parece não caber numa única vida humana comum. O acesso direto ao campo holomnemônico (ou a subcampos deste grande campo) traz uma nova forma de compreensão do tempo. Os eventos passados parecem estar ocorrendo no agora do acesso retrocognitivo. O tempo apresenta-se alterado quando o estado de consciência modifica-se, parecendo que o espaço-tempo realmente se curva do ponto passado até o momento presente, parecendo estar acontecendo agora.

A segunda situação foi a sincronicidade dos relatos das psicólogas “X” e “Y” quanto à interferência de personalidade intrusa no processo terapêutico de Maria Clara, assim como o preconceito e completo desconhecimento e ignorância do campo parapsíquico envolvente em qualquer situação da vida humana, taxada a paciente de “maluca”. E o que diria um psiquiatra de formação convencional? Seria uma manifestação psicótica ou de fundo esquizofrênico? Ou o que diriam os neurocientistas os os parapsicólogos ortodoxos? Seriam ilusões mentais ou processos de percepção extra-sensorial pura? Do ponto de vista experimental clínico houve a interferência de personalidade intrusa, extrafísica, que primeiro por telepatia tentou comunicar-se comigo e depois forçou a paciente o processo de incorporação para que pudesse verbalizar suas intenções e ira, que foi interrompido devido o cumprimento do código cosmoético de normas que orientam a paraterapêutica na paraclínica.

O processo terapêutico de Maria Clara a partir desta sessão parapsicoterápica evidencia o início do realinhamento evolutivo multiexistencial propriamente dito, pela autoconscientização do PPP – Padrão de Personalidade Palingenética, focalizada na oscilação das 2 condições supra mencionadas e repetição ainda nesta existência. Seu interesse pela luz se dá já no início desta existência. A paciente sente que está perdendo tempo e sua postura de irritação com a “lerteza” das pessoas que a cercam evidenciam sua própria condição passada de ter desperdiçado e aproveitado pouco muitas vidas. Seu interesse pelos processos projetivos evidenciam o pré-preparo para o contato prévio com o que chama de “luz”.